

---

# ETNOGRAFIA VIRTUAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE MIKHAIL BAKHTIN NA PESQUISA COM INTERNAUTAS

Dilton Ribeiro do Couto Junior<sup>(\*)</sup>

## INTRODUÇÃO

Fazer pesquisa no campo das ciências humanas nos coloca diante de sujeitos que produzem discursos. E é com seu discurso que o pesquisador, impulsionado pelo desejo de aprender com o outro,<sup>1</sup> é convidado a pensar permanentemente sobre o processo da investigação. Delimitar o tema, formular questões, adotar uma linha teórico-metodológica, escolher o campo de pesquisa, elaborar as estratégias metodológicas, optar pela forma como os dados serão analisados, além do ato da escrita e do pensar perpassar todo o processo de pesquisa, tornam longo e complexo este processo (PEREIRA, 2012).

De acordo com o filósofo Mikhail Bakhtin (2011), a linguagem é o convite para o encontro com o outro. Para o autor, “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos ou com os olhos do outro*”. (BAKHTIN, 2011, p. 341, grifos do autor). Com base nessa perspectiva, o discurso possibilita a participação do pesquisador e dos sujeitos em um processo de investigação que se constrói gradualmente com o outro e, portanto, possibilitando que todos se afetem e se deixem afetar na troca. O pensamento do pesquisador não pode ser soberano, uma vez que, na perspectiva dialógica e alteritária bakhtiniana, “a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está na interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente”. (JOBIM E SOUZA, 2007, p. 92). Longe de concordar com uma investigação que vá com respostas prontas e definitivas, penso numa investigação em que os sujeitos são concebidos como coautores de conhecimentos tecidos no decorrer da relação dialógica estabelecida entre eles e o pesquisador. Isso significa que essa relação reconhece os diversos pontos de vista para legitimar o outro como coautor da pesquisa, compreendendo o processo de investigação como um trabalho que pesquisa não os sujeitos, mas *com* os sujeitos.

---

<sup>(\*)</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/Uerj. E-mail: junnior\_2003@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> Adoto a visão de Jobim e Souza e Albuquerque (2012) no que se refere ao termo *outro*. Sob a perspectiva bakhtiniana, as autoras ressaltam que a pesquisa em ciências humanas que investiga com o *outro* privilegia as dimensões dialógica, alteritária e polifônica na produção de conhecimento.

---

Baseando-se nos pressupostos da etnografia virtual<sup>2</sup> (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008; AMARAL, 2009; GUTIERREZ, 2009; MERCADO, 2012; ROCHA; MONTARDO, 2005) e nos conceitos bakhtinianos de dialogismo e alteridade, este texto apresenta como objetivo tecer reflexões sobre a relação entre pesquisador e sujeitos nas investigações que adotam os ambientes virtuais como campo empírico. Na concepção de Amaral, Natal e Viana (2008, p. 35), a netnografia “amplia o leque epistemológico dos estudos em comunicação e cibercultura”, embora não se trate da mera transposição do método etnográfico para a realização da pesquisa no ciberespaço. A própria distância física entre os sujeitos nas investigações netnográficas supõe repensar a abordagem a ser utilizada pelo pesquisador. Para Rocha e Montardo (2005, p. 9), “devido à natureza desterritorializada do ciberespaço, o que se pergunta é de que forma fazer a observação participante a distância”. Para isso, Bakhtin fornece contribuições importantes ao pesquisador. Ao assumir o dialogismo e a alteridade como princípios éticos durante a investigação, o encontro com outros internautas torna-se um momento único, com cada conversa *on-line* sendo reconhecida pelo seu compromisso de buscar cada vez melhor os sentidos construídos entre pesquisador e sujeitos com o mundo do conhecimento e da cultura.

Na primeira parte do texto, inicio uma discussão sobre uma especificidade característica das ciências humanas, segundo Bakhtin (2003): os sujeitos expressivos e falantes. Diferentemente das ciências exatas, na pesquisa em educação o pesquisador se relaciona com outra(s) consciência(s), ou seja, com sujeitos que pensam e, conseqüentemente, agem, argumentam e discutem, dialogando coletivamente na produção coletiva de um determinado conhecimento. Posteriormente, a segunda parte do texto enfoca a abordagem teórico-metodológica da etnografia virtual, além dos conceitos bakhtinianos de dialogismo e alteridade, para refletir sobre a pesquisa que adota os ambientes virtuais da internet como campo empírico.

### **EXPRESSIVOS E FALANTES: OS SUJEITOS DAS CIÊNCIAS HUMANAS**

O pesquisar é um pensar sobre o mundo onde o pesquisador, do lugar social que ocupa, escolhe na vida uma problemática para tratá-la pormenorizadamente no campo da ciência. Enquanto produz sua ciência, entretanto, o pesquisador não se retira do fluxo social da vida. Ao contrário, permanece inserido nela, posicionando-se face às suas exigências, obrigações, desejos, utopias etc. A atividade de pesquisa, na dinâmica

---

<sup>2</sup> Amaral (2009, p. 15) revela que o “termo netnografia tem sido mais amplamente utilizado pelos pesquisadores da área do marketing e da administração, enquanto o termo etnografia virtual é mais utilizado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais”. O objetivo deste texto não é discutir as especificidades dos termos mencionados, e ressaltar que os utilizo como sinônimos.

---

da vida do pesquisador, é uma entre muitas outras experiências. (PEREIRA, 2012, p. 71).

Na citação acima, Pereira nos convida a refletir sobre a ideia da pesquisa se constituir como *um* pensar sobre o mundo, não excluindo a possibilidade de interpretarmos e pensarmos o mundo sob inúmeras *outras* perspectivas. Isso significa assegurar o pesquisador dentro de uma perspectiva teórico-metodológica que torne possível a formulação de perguntas como ponto de partida do estudo, norteando o olhar para o que se pretende investigar no campo com os sujeitos. Apoiando-se no paradigma da complexidade de Edgar Morin, Azevedo (2008, p. 67) revela que “se houvesse uma só forma de pensar o mundo, de explicá-lo, de torná-lo significativo, este texto não só não poderia estar sendo escrito, por correr o risco da redundância, como também não teriam sentido os debates entre cientistas e entre filósofos”. Entendendo que são múltiplas as interpretações dadas a um mesmo assunto, o presente texto vai pela mesma ideia lançada por Azevedo (2008): sem a pretensão de encerrar as reflexões aqui tecidas, busco aproximações entre os conceitos de dialogismo e alteridade do filósofo Mikhail Bakhtin e a abordagem da netnografia para pensar de maneira teórica e metodológica a pesquisa *com* internautas.

Pode-se dizer que, para Mikhail Bakhtin (2003), pensar o mundo a partir da ótica dialógica requer a presença de mais de uma consciência. Jobim e Souza e Albuquerque (2012) ressaltam que conhecer o mundo na relação dialógica *eu-outro* implica romper com as nossas certezas previamente concebidas para que possamos nos abrir para o outro, numa relação de cumplicidade estabelecida entre pesquisador e sujeitos. Diferentemente das ciências exatas, Bakhtin (2003) ressalta que as ciências humanas investigam os seres expressivos e falantes. Enquanto o pesquisador das ciências exatas contempla um objeto de estudo e, sobre ele, relata suas descobertas, nas ciências humanas o autor defende que não há como conceber o sujeito, situado social e historicamente, tal como uma coisa *muda*. Isso porque, compreendendo a perspectiva dialógica na produção do conhecimento, o sujeito das ciências humanas produz sentidos e significados diversos na relação *com* o pesquisador. Amorim (2002, p. 10) mostra que “essa especificidade de ter um objeto não apenas falado, como em todas as outras disciplinas, mas também um objeto falante” é o que torna o *discurso* importante para o pesquisador das ciências humanas. Dentro dessa abordagem, a investigação exige a participação ativa entre os envolvidos da pesquisa, tornando o diálogo imprescindível na produção de conhecimento onde perguntas e respostas apresentam centralidade. Para Bakhtin (2003, p. 408), pergunta e resposta “não podem acabar em uma só consciência (una e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta”.

---

Bakhtin (2003) também afirma que no contexto dialógico, a primeira e a última palavra não existem, uma vez que já nascem de um acontecimento passado. Sobre isso, ele mostra que os sentidos do passado são inacabados e inconclusos porque “sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. [...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo”. (BAKHTIN, 2003, p. 410). Os sentidos produzidos na relação entre um grupo de sujeitos renovam-se a cada instante, dando origem a outros sentidos: uma ideia nunca será totalmente morta no tempo subsequente, mas adquirirá novos sentidos na medida em que é incorporada às novas ideias que, eventualmente, são criadas. Jobim e Souza (2011, p. 209) concorda com uma abordagem em que “não há um real em si a ser perseguido, mas uma diversidade de sentidos produzidos no encontro entre o pesquisador e seus outros”. Indo nessa mesma direção, Lemos e Lévy (2010, p. 95) afirmam que a verdade nasce “de processos abertos e coletivos de pesquisa, de construção e de crítica”. É no encontro com esses tantos outros (pesquisador e sujeitos) que a constante produção de sentidos compartilhados se revela – sentidos estes que são, para Jobim e Souza (2011), sempre provisórios.

Brandão (2003, p. 47, grifos do autor), ao reconhecer pesquisador e sujeitos como participantes da construção de conhecimento, diz o seguinte: “me vi envolvido de corpo e alma com uma experiência de criação de novos saberes em que o ‘outro’, sujeito de *minha* investigação científica, passa a ser também um praticante direto de *nossa* pesquisa”. Ao adotar a postura de que o conhecimento se produz coletivamente com o outro, o pesquisador rompe com uma abordagem em que as vozes dos sujeitos permaneçam invisíveis, silenciadas e sem a presença do caráter dialógico na relação. A postura dialógica subentende que o pesquisador afete o outro e, ao mesmo tempo, se deixe afetar pelo outro em uma relação de cumplicidade e pertencimento construída entre eles. A ótica bakhtiniana percebe a investigação dialógica como um encontro de alteridades, concebendo os sujeitos como parceiros da tarefa de conhecer o que ainda é desconhecido, em um processo de investigação que se constrói gradualmente com o outro. De acordo com Jobim e Souza e Albuquerque (2012), a pesquisa em ciências humanas que prima pela relação dialógica e alteritária *com* o outro não se constrói sem a participação dos sujeitos envolvidos durante um processo investigativo no qual todos modificam e são modificados.

A partir dos pressupostos bakhtinianos para pensar de forma teórica e metodológica a relação com os sujeitos no processo de pesquisa, Pereira (2012) coloca em discussão a ideia de que “a pesquisa é a instauração de um acontecimento que pressupõe uma ativa relação entre os sujeitos que se põem em diálogo” (p. 62). Indo nessa mesma direção, é o encontro com o outro que torna a pesquisa em ciências humanas um acontecimento, permitindo que as inúmeras vozes silenciadas

---

sejam ouvidas (AMORIM, 2002). Na arquitetura dialógica de Bakhtin, as vozes são enunciadas pelos sujeitos que, coletivamente, buscam respostas, resistem, argumentam (FREITAS, 2010). Mais recentemente, as múltiplas vozes vêm sendo enunciadas também nos ambientes virtuais da internet, que se apresentam como campo de pesquisa capaz de aproximar sujeitos geograficamente distantes. Isso significa um diálogo mediado pela tecnologia que permite ao pesquisador estabelecer e manter contato com internautas de todos os cantos do globo. São internautas que, assim como o pesquisador, apresentam histórias para contar e o acabam fazendo pelas inúmeras interfaces<sup>3</sup> digitais acessadas ao mais leve *click* do mouse na rede mundial de computadores.

### **DIALOGISMO E ALTERIDADE NA ETNOGRAFIA VIRTUAL**

Os ambientes virtuais se constituem como campo de pesquisa interessante, pois propicia que as interfaces comunicacionais sejam promotoras de um diálogo entre internautas, com a participação de diversas vozes que se entrecruzam e, colaborativamente, tecem saberes. Se considerarmos que, a partir do uso dessas interfaces, o ser humano é capaz de produzir e compartilhar vídeos, imagens, textos, músicas, dentre outros arquivos, para contar histórias e, ao mesmo tempo, convidar centenas de outras pessoas para lê-las, vê-las e ouvi-las na internet, não há como negar a importância do ciberespaço neste sentido, uma vez que agrega e abarca outras formas de promover o diálogo entre sujeitos, não se restringindo à linguagem textual. Em outras palavras, somos capazes de interagir nos ambientes virtuais, produzindo e disseminando textos, imagens, vídeos etc. com o objetivo de que outros internautas tenham a oportunidade de conhecer o que cada um tem a contar e a recontar. Afinal, podemos recontar a história do outro, reutilizando, da nossa própria maneira, arquivos digitais de outros usuários, nos reapropriando do conteúdo de forma a criar novos conteúdos.

De acordo com Santos e Santos (2010), “além de acreditarmos que só aprendemos porque o ‘outro’ colabora com sua provocação, sua inteligência, sua experiência, sabemos que temos interfaces que garantirão a nossa comunicação com nossa fala livre e plural” (p. 8). Para isso, a abordagem teórico-metodológica da etnografia virtual auxilia o pesquisador a capturar as marcas do cotidiano *on-line* de internautas. Essa abordagem vem tendo “espaço assegurado nas pesquisas onde os objetivos incluem saber ‘o que as pessoas estão realmente fazendo com a tecnologia’”. (GUTIERREZ, 2009, p. 10). A etnografia aponta caminhos para pensar a investigação em um novo locus de pesquisa que reconhece e legitima a produção de conhecimentos que vem sendo,

---

<sup>3</sup> Lévy (1999) entende que o termo *interfaces* diz respeito a “todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação e o mundo ordinário” (p. 37).

---

mais recentemente, exercida cotidianamente pelos sujeitos nos ambientes virtuais. Esse foi o motivo que me levou a escolher a referida abordagem como procedimento, tendo em vista sua propriedade na pesquisa que se debruça sobre os fenômenos comunicacionais entre sujeitos geograficamente dispersos, com a internet se constituindo como “a interface cotidiana da vida das pessoas e *lugar de encontro* que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade”. (MERCADO, 2012, p. 167, grifos meus).

Vale ressaltar que, de acordo com Gutierrez (2009), os recentes fenômenos da cultura digital, que emergem no ciberespaço, implicam em novos desafios metodológicos para a pesquisa com internautas e por isto seria necessário hibridizar teorias, métodos e técnicas. Dentro dos princípios bakhtinianos, o conhecimento construído a partir do encontro do pesquisador *com* o outro não se faz sem a participação de ambos, incluindo aí os caminhos e as estratégias teórico-metodológicas adotadas pelo pesquisador em parceria com os sujeitos. No diálogo entre pesquisador e seu outro, as perguntas e respostas “fazem da pesquisa um processo vivo de produção de sentidos sobre os modos de perceber e significar os acontecimentos na vida”. (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 116). Essa ótica entende a pesquisa e a vida como indissociáveis, com pesquisador e sujeitos implicados em processos abertos e coletivos dialógicos que buscam entender cada vez mais e melhor a complexidade apresentada pelos acontecimentos da vida.

Ainda que não exista uma única forma de se fazer etnografia virtual, cabe ao pesquisador optar pela mera observação ou pela interação com os sujeitos no ciberespaço (ROCHA; MONTARDO, 2005). Partindo dos princípios bakhtinianos para pensar a relação com os sujeitos na investigação, não caberia ao pesquisador a tarefa de meramente observar os sujeitos, mas de dialogar, interagir: “o lugar ocupado pelo pesquisador é marcado pela experiência singular, única e irrepitível do encontro do pesquisador e seu outro”. (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 114). Baseando-se na abordagem dialógica de Bakhtin, Kramer (2004) mostra que no encontro com o outro não existe passividade, mas atribuição de significado à enunciação.

Pesquisar a partir da abordagem netnográfica pela ótica bakhtiniana é reconhecer o encontro de alteridades nos ambientes virtuais, com sujeitos que têm muito a dizer e o fazem por meio de conversas *on-line*. Estas últimas se constituem como síncronas ou assíncronas,<sup>4</sup> sendo estabelecidas

---

<sup>4</sup> Para Recuero (2009), os processos comunicacionais podem ser *síncronos* ou *assíncronos*. No primeiro, se espera uma resposta imediata, como é o caso dos *chats*, que se assemelham às interações face a face por apresentar a troca de informação praticamente em tempo real. Em relação ao segundo, a expectativa de resposta é não, como é o caso do e-mail e das mensagens compartilhadas pelos internautas nas inúmeras redes sociais digitais.

---

pelo uso de interfaces interativas como o *Gtalk*, MSN, Skype e os *blogs*, conforme sugere Amaral (2009). Para Bonilla (2009), a rede é a todo instante alimentada e transformada porque é um espaço de comunicação que vincula informações e seres humanos; seres humanos que têm a necessidade de permanecer interconectados, compartilhando, (co)criando saberes. Para Santaella e Lemos (2010, p. 25-26), o sentimento, o afeto, a vontade e o diálogo na rede ocorrem pelo “simples fato de que é bom estar junto, ainda mais quando o compartilhamento, a reciprocidade e a cumplicidade não têm outro destino ou finalidade a não ser o puro, singelo e radical prazer de estar junto”.

Diante da agilidade e dinamicidade com as quais um grupo de jovens pesquisadores do campo das ciências biológicas realiza uma conversa mediada pelo uso do computador, é possível conhecer a riqueza do uso da linguagem textual utilizada durante a nossa interação, transcrita a seguir.<sup>5</sup> O prazer de estar junto, de compartilhar as novidades e os acontecimentos da vida certamente são motivos que desencadeiam os tantos diálogos *on-line* nos ambientes virtuais da internet, e a conversa a seguir não foi diferente.

**Juliana:** não é legal qnd vc manda um email pra um estrangeiro fuderoso da sua área pedindo artigos e ele responde? Mais legal ainda se ele for simpático e te manda TODOS os artigos q vc pediu e mais uns extras =D curti demaaaaais essa polonesa! (sua lynda!)

**Dilton:** Que legal, **Juliana!** E os artigos são para te ajudar a fazer a revisão de literatura na monografia?

**Juliana:** é, também. É que to com uns problemas pra identificar uns bichos meus... e não conseguia de jeito nenhum os artigos dela na internet (e eu não queria pagar xD). ai esses artigos tem a descricao de uns gêneros q vao ajudar muito! o/

**Gabrielle:** Que maaaassa! =D Muito legal ela hein!! Boa sorte!!

**Dilton:** bem que a gente podia achar os artigos de que precisamos no google mesmo, não é? sem precisar recorrer aos próprios autores... bem, pelo menos não precisamos viajar de avião e pedir pessoalmente rsrs e boa sorte no seu trabalho!! Depois conta como ele está indo!

**Juliana:** pois é! bem melhor q nosso avós q tinham q mandar cartas e esperar meses pra ter uma resposta haha brigada **Dilton!**

[...]

**Marco:** Vc tem muita sorte mesmo, pq as vezes a gente faz isso com pesquisadores do Brasil que nem dão o trabalho de responder seu e-mail. =/

**Ana:** Poloneses são legais!

**Dilton:** uma coisa eu não entendo: se o trabalho já foi publicado, por que as pessoas querem guarda-lo a sete chaves?? Por que não divulga-los na web?

---

<sup>5</sup> A conversa foi realizada em uma rede social da internet muito popular no Brasil, o Facebook, durante o trabalho de campo na pesquisa de mestrado (COUTO JUNIOR, 2012).

---

A conversa *on-line* realizada entre mim e outros jovens aponta para o uso de uma linguagem característica dos ambientes virtuais. Textos repletos de siglas, figuras de linguagens, neologismos e os tão conhecidos *emoticons*<sup>6</sup> povoam a rede mundial de computadores e favorecem a criação de vínculos sociais entre os internautas. A conversa mediada pelo computador é uma estratégia metodológica capaz de proporcionar o encontro entre pesquisador e sujeitos, e dar visibilidade sobre os assuntos produzidos e compartilhados pelos internautas nos ambientes virtuais. Jobim e Souza e Kramer (2003, p. 15) consideram os sujeitos “produtores de linguagem. Linguagem que os constitui como sujeitos humanos e sociais sempre imersos em uma coletividade”; coletividade que aproxima sujeitos em torno de assuntos de interesse comum, desde os mais corriqueiros até os que envolvem questões políticas, culturais, etc.

Pensar a produção de conhecimento sob a ótica dialógica e alteritária partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da etnografia virtual é compreender o papel central desempenhado pelas interações entre pesquisador e sujeitos nas investigações que tomam os ambientes virtuais como campo empírico. Ao adotar a perspectiva de trabalhar *com* os sujeitos – e não sobre os sujeitos –, a ideia de que o pesquisador é o detentor das respostas a ser descobertas é rompida, e o próprio internauta passa a se constituir como coautor na construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, pesquisador e sujeitos criam “uma linguagem que permite decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações sociais, históricas e culturais”. (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 113). Isso significa levar em consideração o modo pelo qual todos compartilham gostos, objetivos, crenças e ideias, produzindo sentidos diversos pela necessidade de se relacionar com o conhecimento e a cultura a partir de processos comunicacionais mediados pelas interfaces digitais.

Diante do exposto, reconhecer a coautoria de todos os envolvidos na investigação implica também em refletir sobre a nomeação dos sujeitos na escrita do texto. Concordo com Kramer (2002) na sua pesquisa com crianças, ao mostrar que

De antemão recusamos alternativas tais como usar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras do seu nome, pois isso negava a sua condição de sujeitos, desconsiderava a sua identidade, simplesmente apagava quem era e as relegava a um anonimato incoerente com o referencial teórico que orientava a pesquisa. (p. 47).

---

<sup>6</sup> Os *emoticons* são criados a partir do uso dos sinais de pontuação, números e letras e expressam, num determinado momento, o sentimento e o humor do internauta.

---

Em coerência com a abordagem teórico-metodológica da netnografia, onde eu primo pela participação ativa e colaborativa entre pesquisador e sujeitos, e assumo o caráter dialógico e alteritário na relação com os meus tantos outros, também venho optando, na escrita do texto, pelo uso dos nomes verdadeiros dos indivíduos. De acordo com Bakhtin (2003), quando nos abrimos para o outro, entramos no “campo das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações” (p. 394). É justamente nessa abertura proporcionada pela relação de cumplicidade estabelecida na conversa *on-line* acima, que nos tornamos – Juliana, Dilton, Gabrielle, Marco e Ana – protagonistas e coautores ativos da pesquisa, inspirados pela vontade de estreitar os vínculos sociais e afetivos e pela curiosidade que cada momento de interação – um acontecimento! – é capaz de proporcionar no contato com nossos tantos outros.

A pesquisa em ciências humanas que investiga dentro da ótica dialógica *eu-outro* tem o próprio ato da escrita como constituinte do processo de pesquisa. Tal ato compreende a responsabilidade do autor pelas reflexões tecidas em um determinado momento, ou seja, “a assinatura do ato de pensar”. (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 117). Considerando a coautoria dada aos sujeitos durante a investigação, a assinatura do pesquisador faz com que o texto seja concebido também como acontecimento, uma vez que não permite previsibilidade ou controle por parte do autor (Amorim, 2002). Assim como as conversas *on-line* realizadas com os internautas, o próprio texto escrito da pesquisa é, segundo Pereira (2012), território fecundo para que as questões do pesquisador ganhem vida: “é na escrita que as ideias pensadas podem ser colocadas em debate, seja por outras pessoas, seja pelo próprio pesquisador” (p. 82). Diante do exposto, a escrita de um texto nunca é totalmente encerrada, mas adquire novos sentidos na medida em que o texto circula e novas interpretações são dadas a ele.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições bakhtinianas e as reflexões sobre a abordagem teórico-metodológica da etnografia virtual propiciaram reconhecer que, ao assumir o dialogismo e a alteridade como princípios éticos da pesquisa, o encontro com outros internautas torna-se um momento único, com cada conversa *on-line* sendo reconhecida pelo seu compromisso de buscar cada vez melhor os sentidos construídos entre pesquisador e sujeitos com o mundo do conhecimento e da cultura. Pesquisar com outros internautas nos ambientes virtuais é promover a ideia de que as “vozes são livres” para que o pesquisador conheça e se deixe conhecer pelos tantos outros sujeitos na internet.

Conforme ressaltai anteriormente, os sujeitos das ciências humanas são indivíduos expressivos e falantes (BAKHTIN, 2003), o que torna o diálogo imprescindível nas conversas *on-*

---

*line* tecidas com os sujeitos da investigação. Longe de estar encerrada, a discussão desenvolvida neste texto buscou pensar, à luz da netnografia e das contribuições de Mikhail Bakhtin, alguns caminhos e possibilidades para melhor compreender a pesquisa que se debruça sobre os processos comunicacionais nos ambientes virtuais.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção *online*: o papel do pesquisador-*insider* nas práticas comunicacionais das subculturas da *Web*. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 11, n. 1, p. 14-24, jan./abr., 2009.

\_\_\_\_\_; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Revista FAMECOS*, n. 20, p. 34-40, 2008.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 7-19, jul. 2002.

AZEVEDO, Joanir Gomes. A tessitura do conhecimento em redes. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 65-78.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 23-40.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos*: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez, 2003.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. *Cibercultura, juventude e alteridade*: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico-cultural. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; RAMOS, Bruna Sola. (Orgs.). *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural*: metodologias em construção. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010, p. 13-24.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A Etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32, 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Espaço Livre, 2009, 16p.

JOBIM E SOUZA, Solange. Por uma epistemologia da imagem técnica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 6, n. 2, p. 206-210, ago./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. (Orgs.). *Ciências humanas e pesquisa*: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007. p. 77-94.

\_\_\_\_\_; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_; KRAMER, Sonia. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita dos professores. In: KRAMER, Sonia; JOBIM E SOUZA, Solange. (Orgs.). *História de professores*: leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 2003. p. 13-42.

KRAMER, Sonia. Professoras de educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 122, p. 497-515, maio/ago. 2004.

\_\_\_\_\_. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet*: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

- 
- MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. *Revista Teias*, v. 13, n. 30, p. 167-181, set./dez. 2012.
- PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Pesquisa *com* crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende. (Orgs.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 59-86.
- RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 38, p. 118-128, abr. 2009.
- ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *Revista E-compós*, Brasília, v. 4, dez. 2005.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTOS, Edméa Oliveira; SANTOS, Rosemary. Pensando com e sobre as imagens: uma convergência entre cinema e blog no contexto de uma pesquisa-formação multirreferencial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 4, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABCiber, 2010, 15p.

---

## **RESUMO**

Baseando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da etnografia virtual e nos conceitos bakhtinianos de dialogismo e alteridade, este texto apresenta como objetivo tecer reflexões sobre a relação entre pesquisador e sujeitos nas investigações que adotam os ambientes virtuais como campo empírico. Ao assumir uma postura que reconheça e legitime a relação dialógica e alteritária construída com internautas no processo de investigação, compreende-se o modo pelo qual todos compartilham gostos, objetivos, crenças e ideias, produzindo sentidos diversos pela necessidade de interagir com o conhecimento e a cultura. Isso trouxe contribuições para pensar o compromisso do pesquisador na relação que estabelece com o seu outro, considerando o encontro de alteridades nos ambientes virtuais.

**Palavras-chave:** Etnografia virtual. Alteridade. Dialogismo.

## **ABSTRACT**

Based on the theoretical and methodological presuppositions of virtual ethnography and in the Bakhtinian concepts of dialogism and alterity, this text presents the objective to promote reflections about the relation between researcher and subjects in the investigations that adopt virtual environments as empirical field. Upon assuming a posture that recognize and legitimizes the dialogism and the alterity in the relation built with Internet users in the investigation process, it is understood the way which everyone share tastes, objectives, beliefs and ideas, producing diverse senses by the need of interacting with knowledge and culture. That brought contributions to think about the commitment of the researcher in the relation established with his other, considering the meeting of alterities in the virtual environments.

**Key words:** Virtual ethnography. Alterity. Dialogism.

*Recebido em março de 2013  
Aprovado em abril de 2013*